

Sexta, 13 Novembro 2015 07:07

Antônio Torres entrevistado por Ediney Santana



Antonio Torres

Como é bom chegar as sextas-feiras e com ela mais uma entrevista deste incansável Ediney Santana que nos brinda e encanta.

Entre “Um cão uivando para lua” publicado em 1972 e “Do Palácio do Catete à venda de Josias Cardoso” publicado em 2007, como o senhor avalia seu processo de criação? As mudanças sociais pelas quais o país passou durante todos esses anos interferiram na sua criação literária?

Sim. O quadro social por trás de meus livros publicados na primeira década do

século 21 difere do que está retratado nos anos noventa, e assim retrospectivamente até aos anos de 1970. Essa diferença, aliás, está bem demarcada na trilogia composta por “Essa terra”, “O cachorro e o lobo” e “Pelo fundo da agulha”, que perpassam por três tempos de um mesmo personagem. Ou seja, todos os meus romances não deixam de estar impregnados pela atmosfera que envolve as circunstâncias sociais do período que retratam.

Talvez o maior desafio de um escritor seja não se perder em literatura puramente autobiográfica ou sentimentalista. Quando li “Essa Terra” fiquei comovido e emocionado. Era uma história de pessoas distantes da minha realidade, viviam em lugares distantes, mas me identifiquei. Como acontece isso, como o autor consegue escrever algo e esse algo se torna universal, capaz de emocionar qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo?

Desde a sua publicação, em 1976, que o “Essa terra não para de ser publicado no Brasil – onde já está na 30^a. edição, três delas em formato de bolso -, nem de ser “tesado” nas universidades, ou de ganhar traduções mundo afora, já tendo chegado ao Vietnã, Paquistão etc, estando em vias de ser traduzido na Índia e não sei mais onde. E levando junto outros de meus títulos. O maior mistério para mim é este: como um romance que tem ao fundo o maior dos fracassos humanos – o suicídio –, pode ser tão bem sucedido? Para mim, isso é um mistério.

O senhor faz parte da Academia Brasileira de Letras. Paraphraseando: “Do Palácio do Catete à venda de Josias Cardoso”, Do Junco ao palácio de Machado de Assis. Lá em 1972 ao publicar seu primeiro livro, isso passava por sua cabeça? De um dia fazer parte de um grupo tão seletivo?

Nem mesmo quando ganhei o Prêmio Machado de Assis – o mais importante da ABL, para o conjunto da obra -, em 2000, imaginei que um dia viria a ser seu membro. E para ocupar a cadeira fundada pelo próprio Machado, patroneada por José de Alencar, e que teve dois baianos como seus ocupantes, Otávio Mangabeira e Jorge Amado, além de Zélia Gattai, baiana por afinidade. Logo, quando estreei na literatura, em 1972, estava longe de pensar que chegaria lá.

O senhor é um autor popular. Trabalhei anos como professor de literatura e sou testemunha de como seu texto é agradável aos alunos. Penso que isso acontece porque senhor soube equilibrar o que chamamos popular com o que chamamos de erudito, o senhor concorda? Existe realmente essa divisão entre popular e erudito?

Você não imagina a alegria que essa sua informação me traz. Pois não faço a menor ideia de até onde os meus livros chegam. Quanto à divisão popular-erudito procuro me mirar no exemplo de Villa-Lobos, que fez essa junção na música de forma magistral. E que dizer de sua alma-gêmea na literatura, João Guimarães Rosa, que saía pelos sertões em busca de uma linguagem que ele viria a recriar admiravelmente? Ah, sim: o jazz também me fascina – como fascinava a Júlio Cortázer e Gabriel García Márquez – e está na mesma fronteira entre o popular e o erudito. No fundo, no fundo, a cultura popular é a fonte de toda a arte.

O Senhor tem facebook, site, é bastante atuante nas mídias digitais, redes sociais. Como o senhor lida com isso? Muitos escritores vivem ilhados, o senhor não, como é a relação com seus leitores? E como lida com a crítica profissional? Existe crítica literária no Brasil?

Ainda me sinto na era da pedra lascada em relação a essas novas tecnologias. Tanto quanto percebo que já não dá para alhear-se a isso. Quanto ao que você chama de crítica profissional, parece-me em vias de extinção. Fui um autor revelado pela crítica, a quem devo muito. Quando estreei, nos 70, havia espaços regulares para ela em todos os jornais e revistas do país. O que vem desaparecendo. Isso é um problema, principalmente para os novos autores, que ficam sem ter quem os avalie. Resta esperar que os críticos literários migrem das páginas impressas para as virtuais.

Qual panorama o senhor faz da literatura brasileira hoje?

Mais escritores do que leitores e mais editoras do que livrarias.

Qual sua relação com os escritores dessa nova geração? Quais o senhor leu ou tem algum contato?

Hoje vivo cercado de novos lançamentos e sem tempo algum para dar conta deles, o que muito me angustia, tanto quanto a dificuldade para escrever, pelo mesmo motivo. Encontro muito autor nas minhas andanças por festas literárias e feiras de livros. Ainda me surpreendo com o que vou descobrindo pelo caminho. Como em Garanhuns, Pernambuco, onde conheci novos autores com uma pegada forte. (Nivaldo Tenório, por exemplo, entre outros). Há gente boa em toda parte.

O Brasil ainda não conseguiu eliminar sua maior praga: o analfabetismo, o nordeste ainda é a região do país com maior índice de analfabetos. O senhor é do interior da Bahia, assim como Jorge Amado era, e é justamente no interior do nordeste que o analfabetismo faz suas maiores vítimas. Qual a avaliação que o senhor faz de um país que revela dois grandes autores universais como o senhor e Jorge Amado e não consegue universalizar a educação básica?

Universal mesmo é Machado de Assis, que se pode colocar, sem exagero algum, ao lado de todos os grandes do seu tempo, no século do romance por excelência, o dezenove. Basta lermos “Dom Casmurro” na sequência de “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, e “Ana Kariênina”, de Leon Tolstói, para se ter a real dimensão do nosso Machado de Assis que, aliás, viveu num Rio de Janeiro com 75% de analfabetismo – no país, só 15% eram alfabetizados. Mesmo que tenhamos feito alguns avanços, de lá para cá, ainda não andamos o suficiente no quesito educação, que continua sendo uma vergonha nacional. Mas não sou especialista no assunto, para apontar as razões do nosso atraso nessa área. Obviamente, falta vontade política.

Sua geração buscou grandes utopias. Quais dessas o senhor avaliar que conseguiram encontrar e quais nunca foram encontradas?

Falar de utopias numa hora dessas é correr o risco de ser taxado de saudosista, ou de ter pegado o bonde (da História) atrasado. Mas nunca será demais evocar Oscar Wilde, quando dizia que um mapa mundi que não incluía a utopia não é digno de consultas. E isso há mais de um século da era globalizada decretar o fim das utopias. A esta altura não saberia dizer quais conseguimos

encontrar e quais nunca foram encontradas. Mas, quem sabe o ser utópico que existe em cada de nós jamais desaparecerá?

Qual o ato mais revolucionário de um ser humano para o senhor?

O da sobrevivência

Sei que adjetivos devem ser usados com cuidado, podem reduzir toda perspectiva e grandeza que alguém pode ter, mas qual adjetivo o senhor usaria para se definir como escritor?

Um lutador

Se encontrasse Machado de Assis nos corredores da Academia Brasileira de Letras o que diria para ele?

Sua bênção, mestre.

Ainda na linha das contradições do Brasil. Nos últimos anos aumentou bastante o número de editoras independentes, ou seja, as que não são ligadas aos grandes grupos editoriais, assim como aumentou bastante o número de leitores, aos poucos a país vai deixando para trás a marca de país de poucos leitores, em todo país cresce o número de saraus, em Salvador, por exemplo, que é uma cidade musical, há grandes saraus, pelas ruas, bares ou teatros pessoas estão se reunindo para leitura e recital de poemas, aqui em Brasília também acontece o mesmo. Silenciosamente penso que uma revolução pela palavra e arte acontece no país. O senhor tem consciência disso? Como sente esse momento para literatura do país?

Tenho participado intensamente dessa nova cena literária. Como vivemos num país sem memória, é bom lembrar que essa movimentação de escritores começou lá pelo ano de 1975, quando, depois de um agitado debate no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro, três de seus participantes passaram a ser convidados para fazer palestras em toda parte. Eram eles Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio e o locutor que vos fala. E aí muitos outros foram pegando a estrada, país a dentro e a fora. Quando chegamos às Jornadas Literárias de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, já falávamos para uma plateia de 3 mil pessoas. Agora, vejamos esta questão dos leitores com cuidado, pois, ao contrário de décadas anteriores, o público de hoje está mais interessado em ouvir os autores do que em comprar os seus livros. O que está vendendo mesmo? Confira na lista da Veja. Só dá bestseller estrangeiro, livro de autoajuda, ou de padre e de pastor evangélico, de celebridades instantâneas. Portanto, se o produto livro está em alta, o mesmo não podemos dizer da literatura. Infelizmente.

O senhor esteve recentemente na FLICA , Festa Literária de Cachoeira, na Bahia. Qual a importância desses eventos para escritores e o público? E o que a achou da FLICA?

A Flica me surpreendeu. Porque a meu ver a Bahia andava bem devagar em relação aos eventos literários nacionais. Agora temos um à altura dos mais bem sucedidos do país. A Flica – Festa Literária de Cachoeira bombou mesmo. E foi uma honra imensa ter participado dela na condição de autor homenageado. Obrigado, Bahia.

Momento liberdade. Escreva o que o senhor desejar, seja livre, seja feliz. Minha imensa gratidão pela entrevista, alegria sincera e literatura sempre.

Quero apenas dedicar, a quem vier a ler esta entrevista, dois versos do poeta português Alexandre O' Neill, um amigo de toda a vida:

“Folha de terra ou papel,

Tudo é viver, escrever”.

Contatos com o autor:

site oficial Antonio Torres

Facebook

Ediney Santana gravou o programa Põe Azia Nisso com Anand Rao ([clique aqui](#)).

E dentro de seu tempo contribui com artigos e entrevistas com exclusividade para o Cultura Alternativa com pauta totalmente escolhida por ele.